

A urgência dos padrões em rede: do autor do conteúdo ao vínculo da relação

Dalton Lopes Martins*

Resumo As principais questões relacionadas ao que entendemos ser o autor e seus direitos autorais num ambiente intensamente influenciado por sistemas de informação em rede envolve a expansão do que entendemos ser a produção de conteúdo e a influência das relações estabelecidas em rede. Discutimos neste artigo como a lógica do conteúdo, a lógica das relações e a lógica dos padrões em rede podem influenciar novas concepções e modos de pensarmos no conceito do autor de uma obra.

Palavras-chave padrão, rede, conteúdo, relação.

The urgency of network standards: from the author to the content to the link in the relation

Abstract The main issues related to what we understand to be the author and his copyright in an environment heavily influenced by information systems in a network involves the expansion of what we understand to be the production of content and influence of established relationships in the network. In this article we discuss how the logic of content, the logic of relations and the logic of patterns in the network can influence new ideas and ways of thinking about the concept of an author's work.

Keywords pattern, network, content, relation.

Introdução

A grande maioria das empresas e serviços que têm se tornado populares no cenário informacional de nossa época apresenta uma relação direta com inovações na forma de organização e disponibilização da informação em rede. Desde potentes algoritmos dinâmicos que geram novos índices para tornar mais eficiente e relevante a busca de sites por palavras-chave até algoritmos que indicam produtos que possuem alto potencial de nos interessar baseados em nossas compras anteriores, a maneira de organizar a informação é o elemento central.

* Doutorando em Ciências da Informação. Endereço postal: Avenida Senador Vergueiro, 2687 – Bloco 8B – apto: 11, Vila Teresa - São Bernardo do Campo – São Paulo – CEP: 09601-000. E-mail: dmartins@gmail.com

Os algoritmos compartilham um elemento em comum ao utilizarem todos bases de dados que coletam e sistematizam preferências, traços, pistas criadas por milhares de usuários que utilizam seus sistemas de informação como interface que viabiliza e expande seu potencial de interação em rede. Ao utilizar um sistema, alimentando os algoritmos de dados fundamentais para seu melhor funcionamento, o próprio sistema se torna mais relevante, mais eficiente e, portanto, convidando a mais usuários compartilharem de suas potenciais funcionalidades.

As empresas descobrem novas maneiras de detectar padrões, de desvendar tendências que podem tanto servir a usuários individuais em suas preferências particulares, quanto a apontar movimentos maiores, fluxos de interesses em transição, migrações potenciais em expansão que permitem termos pontos de referência que auxiliam a dar visibilidade ao que está acontecendo pelos meandros da rede.

Os padrões ganham nova dimensão e passam a servir como um eixo articulador de uma parte expressiva da economia atrelada ao acesso aos bens imateriais, servindo como filtros dinâmicos de relevância entre aquilo que se está exposto, acessível ao público e aquilo que perde importância, tornando-se de mais difícil acesso. No entanto, os padrões não são meros fenômenos aleatórios e indicam categorias, classes de eventos que parecem apontar, e mesmo construir, a preferência de uma parte expressiva daqueles usuários enquanto agentes em um determinado sistema de informação. Rocha (2008), citando o cientista cognitivo Francisco Varela, traz à tona a não arbitrariedade das categorias que surgem para classificar uma determinada situação.

Varela afirma que as categorias que aparecem em uma situação particular não são arbitrárias, propondo a hipótese de que existe um nível elementar de categorização onde se encontrariam a biologia, a cultura e a funcionalidade cognitiva (eficácia e economia na transmissão da informação). (ROCHA, 2008)

Nos parece que esse nível elementar de categorização impacta e pauta aquilo que pode ser descoberto e identificado como sendo um padrão pelos modernos algoritmos de nossos sistemas de informação. Sendo esse nível elementar produto e produtor da cultura, não estaríamos então observando uma transição fundamental em relação à ideia de quem produz, logo sendo autor, um determinado bem imaterial em um ambiente emergente de padrões produzidos coletivamente em rede? Não seriam os padrões movimentos e fluxos dinâmicos que atravessariam a produção cultural anunciando seu caráter interdependente de enlaces, de múltiplas conexões que agora parece que podem ser analisadas, descobertas e categorizadas de alguma maneira?

Ao que nos parece três lógicas, modos de pensar, parecem se complementar e dar pistas que deveriam ser levadas em consideração em nossa discussão sobre a ideia da autoria quando a entendemos inserida num contexto onde a rede não é apenas interface de comunicação e difusão da informação, mas espaço contínuo de relação, logo de produção de si: a lógica do conteúdo, a lógica da relação e a lógica dos padrões.

Da lógica do conteúdo

A ideia do pertencimento do conteúdo está, em geral, associada à produção de um determinado objeto cultural, entendendo por objeto uma unidade, normalmente de fundo material, que dá contorno e determina o horizonte de configuração de uma obra. Ideia que é atravessada e determinada por uma lógica de produção, uma maneira de relacionar o ato de criação de um objeto, como se um determinado conteúdo preenchesse, constituísse o contorno, desenhando fronteiras daquilo que é e daquilo que não é. Da mesma forma, pertencer é ter ou não ter.

Questionar essa ideia de unidade não é uma questão recente, colocada em perspectiva por Foucault quando de sua busca por restaurar a força do discurso como elemento social que ultrapassa a visão material do objeto de criação.

Mas, sobretudo, as unidades que é preciso deixar em suspenso são as que se impõem da maneira mais imediata: as do livro e da obra. (...) Em outros termos, a unidade do material do volume não será uma unidade fraca, acessória, em relação à unidade discursiva a que ela dá apoio? (FOUCAULT: 2009, p.25)

Romper com a unidade material do volume é abrir espaço para perceber forças, movimentos, tensões e dinâmicas discursivas que são geradas pelas relações humanas em suas redes de conversação. É a percepção desse movimento e de seus fluxos geradores que amplia a dimensão da unidade material e da lógica do conteúdo como referência de uma produção cultural. Percepção aparentemente não trivial, pois que se refere a contemplar as diversas dimensões de referências que se cruzam e se manifestam nas fronteiras de uma obra: não apenas a outras obras, mas às redes dinâmicas de conversação com suas tensões, derivas e sínteses, promovendo e provocando o pensamento enredado.

A obra deixa de ser objeto-conteúdo e vira objeto-nó que articula e que “está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede” (FOUCAULT: 2009, p. 26). O objeto-nó não deixa de ter sua força de síntese, de limites físicos, mas é referente, enquanto presença, a uma relação que ultrapassa a ideia do conteúdo de sua representação, e sim remete a enlaces, a movimentos de rede que posicionam o nó em uma perspectiva que amplia o que o constitui.

É essa ampliação que traz diretamente ao centro da questão da produção de uma obra todo um novo sistema de relações que vai, necessariamente, provocar novos olhares e o uso de metodologias operativas que auxiliem na descrição, na investigação e na análise que permite caracterizar que movimento é esse, como surge, que padrões denota, que forças opera e que limites de expansão reposiciona. É essa ampliação que desloca o problema da produção do conteúdo dos signos que a constituem para as redes que lhe atravessam. É novamente Foucault que anuncia esse movimento e fornece contornos iniciais sobre uma análise “... que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT: 2009, p. 55).

Há aqui, importante demarcar como força e linha divisória, uma passagem que se encontra no

centro de grandes debates a respeito das tentativas de atualizar a referência do que constitui o pertencimento de uma obra cultural. A visão que posiciona um discurso como um conjunto de signos e o articulador desse conjunto de signos como o produtor, o proprietário desse discurso, ignora as múltiplas origens de um discurso, bem como ignora que esse discurso é produzido e referenciado como prática social, atuando a partir de e como produtora de redes de conversação por onde o discurso circula e se constitui.

Mas, que passagem é essa e que questões nos convoca a refletir? O autor do conteúdo é membro dessas redes de conversação atuando não a partir delas, mas sobretudo através delas. Como considerar os efeitos dessas redes em sua produção? Como considerar o efeito de sua produção nos discursos articulados em rede? Há essa sensação de um movimento que expande e se contrai ou apenas estamos ainda lidando com dualidades inerentes a nossa forma habitual de entender o que é produção cultural? Que efeito é esse que parece que simplesmente ao procurá-lo nos escapa e desaparece por entre objetos rígidos que nos provocam a resolver questões elementares relacionadas ao custo de uma obra, direito de cópia, créditos, reputação e todo um conjunto de parâmetros que viabilizam o atual sistema autoral?

A lógica parece mudar buscando anunciar a necessidade de novos operadores que apontam novas questões e novas maneiras de resolver nossas necessidades de síntese. Os novos operadores parecem anunciar sua capacidade de síntese através da análise das relações, trazendo à tona aquilo que se conecta e gera vínculo, gerando traços que podem ser e estão sendo utilizados como elementos que não apenas fornecem novos filtros de relevância, mas que se tornam eles mesmos parte de um objeto e daquilo que lhe permite descrever.

O deslocamento central que esse movimento propõe é descrever o vínculo não como efeito e desdobramentos da difusão de uma produção cultural, mas sim como descritor de fluxos, de dinâmicas de redes de conversação que podem ser consideradas como constituintes de uma produção. A rede é o campo da prática e da teoria, é o que atravessa dualidades entre indivíduo e coletivo, anunciando o estar em relação como campo de análise, onde o corte, a separação do objeto como elemento perde o sentido e a força de expressão própria. É esse deslocamento que dá origem à lógica da relação como campo de análise nas questões de autoria.

Da lógica da relação

A lógica do conteúdo e do objeto como produto criou um campo seguro, determinado e objetivo do que se considera como autoria e direito sobre uma produção. A lógica da relação, se é que assim podemos chamar essa busca por novos meios de descrever aquilo que convoca a uma expansão de sentidos de composição, mina esse campo seguro, evidenciando inconsistências, preconceitos e juízos de valores que parecem não dar conta da complexidade que é caracterizar a autoria em rede.

Sem autoria especificável, o ato da fala atravessa um número incontável de discursos, se difunde através de diferentes áreas do *socius* e põe em cena a multiplicidade dos ditos. (...) Sem que seja possível precisar a autoria do evento

linguístico, este se estabelece pelas articulações, intervenções mútuas entre os ditos.” (TEDESCO; 2008)

As dificuldades de operar a partir da lógica da relação surgem nesse número incontável de discursos que se cruzam, que se compõem e, quando considerados como elementos de análise, colocam em evidência a multiplicidade dos ditos em circulação nas redes de conversação. Reconstituir as articulações e intervenções mútuas entre os ditos parece ser tarefa praticamente inviável, dada a dificuldade de sistematizar registros e coletar informações que retratem a totalidade desse tipo de manifestação. Diante da impotência, o limite do campo de análise parece impor sua redução, parece trazer à tona as fronteiras do objeto como alternativa do possível. Mas, não seria o contínuo questionamento e a busca de novas formas de olhar para aquilo que inclui a dimensão do vínculo no campo de análise o promotor do que nos convoca a articular novas experiências de análise?

A dificuldade que se apresenta, mais da ordem metodológica que da ordem conceitual, define uma tensão que fornece pistas do que a caracteriza. Contemplar a totalidade dos vínculos e relações que compõem a formação de um discurso, que influenciam e pautam a produção de uma obra parece ser tarefa impensável mediante a complexidade que se apresenta e a dificuldade de suporte material que a sustente. No entanto, quando o olhar se desloca de um discurso ou de uma obra específica e passa a se posicionar sobre movimentos que concatenam discursos, que definem os principais temas de uma época, que parecem anunciar padrões coletivos, a complexidade se reduz e a ordem do viável parece novamente se manifestar.

Mais do que entender esse movimento como uma migração do micro ao macro, do indivíduo ao coletivo, o que se coloca é a viabilidade de análise dos padrões que emergem da recursividade das relações entre elementos de uma rede. Humberto Maturana, em sua análise do que forma um sistema social, descreve a conservação da rede de interações entre os seres como um elemento que lhe define.

Cada vez que os membros de um conjunto de seres vivos constituem, com sua conduta, uma rede de interações que opera para eles como um meio no qual eles se realizam como seres vivos, e no qual eles, portanto, conservam sua organização e adaptação, e existem em uma co-deriva contingente com sua participação em tal rede de interações, temos um sistema social. (MATURANA; 1985)

A participação numa rede de interações que define um sistema social é também uma condição de participação na composição dos padrões emergentes que podem ser inferidos desse sistema. E não teríamos aqui manifesta uma possibilidade de ampliarmos a relação de autoria da obra para a autoria coletiva de um padrão? E que novas relações poderiam ser percebidas entre esses aparentes níveis de produção que indicam, em sua potência, movimentos e práticas indissociáveis das redes de conversação por onde as interações de um sistema ocorrem? E não seria a análise dos padrões que poderia apontar para um nível de contextualização da produção de uma obra, evidenciando a sua dimensão coletiva e menos artificial, de tal forma que “... a

frase descontextualizada assim como a enunciação isolada correspondem a operações artificiais de extração do dito da rede de dizeres que lhe constitui efetivamente. Em resumo, o sentido é sempre coletivo e portador do acontecimento” (TEDESCO: 2008).

Os padrões que emergem das práticas discursivas em fluxo nas redes de conversação refletem os sentidos coletivos, os acontecimentos significativos e atratores da atenção de seus participantes. O padrão torna-se objeto-nó e evidencia as múltiplas linhas de força atuantes em determinados momentos na história dos fluxos de conversação da rede, apontando seus movimentos e servindo como base de apoio para a produção de sínteses necessárias à própria análise do efeito da produção de um coletivo pelo próprio coletivo.

A interatividade entre os membros de uma rede e a recursividade de suas relações cria movimentos que podem ser caracterizados como objetos determinados de uma produção coletiva, quase força resultante dos vetores que se colocaram e foram reconstituídos pelos traços de produção da rede.

O autor de uma obra, nesse contexto, não se dissocia do objeto-nó convergente dos padrões que emergem de uma rede. Ele lhe dá expressão, produz objetos-síntese que anunciam as forças emergentes dos padrões, criando enlaces, lações recursivos de alimentação ao próprio padrão. Mas, o padrão não é objeto neutro, definido como pura essência das projeções coletivas, e sim elemento de transição que, quando manifesto, apresenta sua singularidade, sua deriva particular, sua face de interpretação que lhe caracteriza um olhar específico.

Nasce da recursividade das relações uma nova lógica, a lógica dos padrões.

Da lógica dos padrões

O padrão adquire o efeito de vetor apontando direções e indicando resultantes das ações recursivas que emergem das interações em rede. Vetor que atravessa a relação de um autor e a ideia de sua obra, apontando os traços dos sentidos coletivos, das práticas explicitadas em suas escolhas e modos de relação.

O padrão aparece, em termos metodológicos, como soma de efeitos que podem ser aglomerados e demarcam pontos que sobressaem. A soma de efeitos parece criar sentidos de ordem como se fossem operadores de síntese que emergem do aparente caos, é um vetor no tempo que indica um movimento coletivo de reorganização. Mas as redes são mais que seus padrões, extrapolando para além daquilo que pode ser medido, analisado, visualizado e descrito.

As pessoas se multiplicam nas relações, sem formatos óbvios. As redes são descentralizadas, ora distribuídas, algumas vezes hierárquicas, outras vezes apontam para aglomerados, power laws e ubiquidade. As redes não podem ser “containerizadas” numa coisa ou outra.” (DIMANTAS: 2010)

As redes de conversação e seus movimentos em relação à noção de autoria, como práticas

discursivas, escapam das tentativas de padronização incluindo sempre à margem daquilo que não pode ser previsto, percebido e coletado como uma relação natural de causa e efeito. Há algo mais aqui. A rede “no seio da multiplicidade, passa a operar como um entre: abrem-se possibilidades de agenciamento em que diferenças são produzidas” (BARROS: 2007).

No entanto, não é qualquer diferença que pode ser produzida assim como não é qualquer palavra que pode ser enunciada a qualquer momento da história. Os padrões exercem pressões, apontam tensões que limitam campos, fornecem, de alguma forma, fronteiras que, apesar de sempre poderem ser rompidas pela emergência do novo, servem como meios de categorização, taxonomias de análise e princípios orientadores que podem ser utilizados como meios de agenciamento coletivo.

Há algo a mais aqui também. É Prigogine, prêmio Nobel em Química, quem aponta, a partir de seu trabalho de análise de reações químicas que ocorrem longe do estado de equilíbrio, o efeito que as distribuições de probabilidade ofertam como uma informação a mais a respeito de um determinado sistema.

Mas há algo mais: a distribuição de probabilidades permite-nos incorporar no quadro da descrição dinâmica a micro-estrutura complexa do espaço das fases. Ela contém, portanto, uma informação adicional, que se perde na descrição das trajetórias individuais. Este é um ponto fundamental: a descrição probabilística é mais rica que a descrição individual, que, no entanto, sempre foi considerada a descrição fundamental. Esta é a razão pela qual obteremos no nível das distribuições de probabilidades P uma descrição dinâmica que permite prever a evolução do conjunto.(...) Evidentemente, quando consideramos sistemas estáveis, a descrição estatística reduz-se à descrição usual. (PRIGOGINE: 1996, p. 39)

E não seria exatamente isso que empresas como Google, Facebook, Twitter e tantas outras ditas responsáveis pela construção das hoje conhecidas e frenéticas mídias sociais utilizam como base de seus modelos de negócios? Não seria exatamente a possibilidade de utilizar o padrão de relações entre links numa rede como um vetor de agenciamento coletivo que está na base de algoritmos de busca indexada, viabilizando produtos de busca pelo espaço informacional antes nunca possíveis? Não seria essa capacidade de prever a evolução do conjunto que estaria por trás de muitas das inovações tecnológicas que hoje pautam as discussões e as práticas do espaço informacional? E essa evolução não apontaria para novas relações de autoria e de pertencimento?

A capacidade que vivenciamos de utilizar essa lógica dos padrões, da análise da recursividade de relações, como promotora de filtros de relevância do próprio espaço informacional também instaura novas posições sobre a relação de como se formam os discursos e são construídos os sentidos coletivos. Os padrões de relação se tornam dispositivos de organização do espaço, reflexos diretos de novas formas de perceber a produção coletiva como produção de relevância.

A autoria é colocada em um novo patamar. Mais do que uma relação de produção de um objeto, a relevância e a força de agenciamento dos padrões em rede reposicionam o autor como um elemento “entre”, aquele por onde atravessam conexões, por onde as intermediações se

entrecruzam, como um nó posicionado num espaço de relações dinâmico, onde cada uma de suas ações produzem efeitos, assinam movimentos e deixam rastros que são fundamentais para a percepção da relevância coletiva. O autor constrói seu novo objeto enredado como produto não mais da modelagem de um conteúdo específico, mas como resultante de suas conexões e síntese de relevância do que o descreve como nó em movimento por entre conexões, enlaces e discursos específicos em fluxos nas suas redes de conversação.

Dos autores multidão: a relação dos objetos

Ao que parece, estamos observando e percebendo movimentos que somente fazem sentido quando contextualizados de forma coletiva. A força do padrão está na perspectiva de que ele representa a síntese de movimentos de uma multidão. É apenas a multidão que pode ser autora da relevância que produz sentido na percepção do padrão como tendência que orienta novos movimentos em rede.

Os autores multidão criam relações que podem ser mapeadas gerando novos objetos. São objetos de síntese, objetos que buscam explicar o que foi gerado no plano de produção da multidão em movimento.

No grupo podemos acessar tanto sua dimensão de produto social e subjetivo quanto o seu plano de produção. Esse último é o plano maquínico em que o produzir se faz por agenciamentos ou encontros entre elementos heterogêneos (familiares, mass-midiáticos, estéticos, urbanos, etc.)” (PASSOS: 2007)

Os objetos da multidão são objetos que anunciam produtos de seu plano maquínico, gerados e geradores de seus agenciamentos coletivos, de seus encontros, de suas conversas e de seus movimentos em rede. Mas esses objetos são também criações, podem também ser entendidos como bens imateriais fundamentais de apoio à economia atual e, para além disso, pautam a relevância influenciando aquilo que está mais exposto e mais acessível nos sistemas de informação.

É somente através da análise do vínculo, ou seja, da relação que se estabelece entre os múltiplos sentidos que são gerados no plano de produção de um coletivo que pode emergir um padrão. A relação adquire outro nível de importância na multidão, pois é somente através dela que o padrão pode convergir em um novo objeto de síntese, servindo como mapa de leitura dos movimentos coletivos. São esses mapas de leitura, esses objetos de síntese que podem ser considerados como produtos diretos dos autores multidão. É apenas através da multidão que eles podem surgir.

Encaminhando

Procuramos articular neste texto três linhas de força que chamamos de lógica do conteúdo, lógica da relação e lógica do padrão. São linhas que nos parecem indicar movimentos importantes que devem ser levados em consideração quando das experiências e tentativas de atualização do conceito de autor, direitos autorais e seus profundos impactos na economia informacional.

Articular essas linhas não é evento trivial e depende tanto de experimentos que permitam atuar em dimensões tecnológicas, quando da produção e análise de algoritmos computacionais que passam por níveis distintos de complexidade, quanto de dimensões sociais de seus campos de prática e experimentação.

A expansão da lógica do conteúdo para passarmos a considerar o efeito das relações e dos padrões na análise daquilo que consideramos ser direito autoral e seus impactos diretos e indiretos nos parece ser uma etapa fundamental na qual nos vemos diretamente envolvidos experimentando ensaios de coletas de dados e novas formas de cálculo. O campo parece amplo e as possibilidades inúmeras, dada a quantidade de bancos de dados e sistemas de informação estruturados que podemos utilizar nos dias de hoje como base de nossas análises e experiências.

A integração de diferentes dimensões que até então parecem caminhar de forma isolada e independente vão ganhando novas possibilidades de serem analisadas de forma contínua e interdependente. O potencial computacional e a maior amplitude de modelagem de observação dos planos de produção coletivos que hoje temos a nossa disposição vêm se tornando objetos de efeitos sociais e políticos cada vez mais expressivo em nossa sociedade. Compreender seus efeitos em potencial e analisar seus impactos em nossa forma de produção cultural tem a força de colocar no centro de nossas discussões as pessoas e o poder de suas vozes, pois “a lógica da informação, definitivamente, deve ser a lógica da humanidade. Para toda a independência e extensão das informações, são as pessoas, em suas comunidades, organizações e instituições, que de fato decidem o que tudo isso representa e a razão de sua importância” (BROWN, DUGUID: 2001).

A busca pelos padrões parece urgente e motivada sobretudo pela possibilidade de cada mapa de territórios emergentes possuir um valor econômico expressivo nas empresas e serviços informacionais. O quanto e o como considerar os efeitos individuais nos padrões coletivos, os efeitos das relações que estabelecemos pelas redes onde circulamos nas obras que produzimos é o que parece ser um elemento a ser aprofundado com grande potencial de influenciar as novas visões de autoria a serem construídas.

Artigo recebido em 23/06/11 e aprovado em 15/07/11.

Referências

- BARROS, R. B. *Grupo: a afirmação de um simulacro*. Editora Sulina. 1ª edição. 2007.
- BROWN, J. S., Duguid, P. *A vida social da informação*. Editora Makron Books. 1ª edição. 2001.
- DIMANTAS, H. *Linkania: uma teoria de redes*. Editora Senac. 1ª edição. 2010.
- MATURANA, H. *Biologia do fenômeno social*. In.: A ontologia do olhar. Magro, C., Graciano, M., Vaz, N. (orgs). Editora UFMG. 1ª edição. 1997.
- PASSOS, E. *Prefácio*. In.: Grupo: a afirmação de um simulacro. Barros, R. B. Editora Sulina. 1ª edição. 2007.
- PRIGOGINE, I. *O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza*. Editora Unesp. 1ª edição. 1996.
- ROCHA, J. M. *A enação e o pragmatismo*. In.: Pragmatismos, pragmáticas e produção de subjetividades. Arruda, A., Bezerra Jr., B., Tedesco, S. (orgs). Editora Garamond. 1ª edição. 2008.
- TEDESCO, S. *Mapeando o domínio de estudos da psicologia da linguagem: por uma abordagem pragmática das palavras*. In.: Políticas da Cognição. Kastrup, V., Tedesco, S., Passos, E. (orgs). Editora Sulina. 1ª edição. 2008.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Forense Universitária. 7ª edição. 2009.